

O Beato João Batista Scalabrini e Jesus

À pergunta: “Quem é Jesus Cristo?”, Scalabrini responde com uma página densa de teologia bíblica, quase um hino com três estrofes, em que Jesus se mostra o Verbo feito homem, com todos os atributos divinos e como o Messias esperado...

João Batista Scalabrini Bispo e Fundador

**“Jesus, e ao proferir este nome
O coração se enternece,
O espírito se comove,
E a alma alça o vôo da esperança.”
(Pastoral, 1878)**



Scalabrini, na Pastoral para a Quaresma em 1878, desenvolve o tema sobre Jesus. Há, é verdade, também outros discursos sobre Jesus, especialmente aqueles que ele fez no Primeiro do Ano, dedicado ao “nome de Jesus”, e alguns desses são muito bonitos; mas aqui temos um discurso muito amplo, mais orgânico e mais denso. Vamos apresentá-lo neste folder. O prólogo é muito feliz. Pio IX está morto e “a esposa de Jesus, a Igreja de Deus está de luto (...)”. Porém... “nos conforta, aliás, nos alegra o pensamento, porque se agora estamos sem o nosso Chefe visível, temos, porém, um outro Chefe invisível que nos governa e que não nos abandona: Jesus Cristo (...), em cuja bondade devemos permanecer tranqüilos. E é exatamente sobre Jesus que queremos falar a vocês na atual aflição”. Não devemos esquecer de como Jesus logo se manifesta na sua atitude de “bondade”, verdadeiro e próprio motivo condutor de todo o pensamento scalabriniano sobre Jesus de Nazaré.

Quem é Jesus Cristo?

À pergunta: “Quem é Jesus Cristo?”, Scalabrini responde com uma página densa de teologia bíblica, quase um hino com três estrofes, em que Jesus se mostra o Verbo feito homem, com todos os atributos divinos e como o Messias esperado e finalmente vindo para fazer crescer de importância específica, a terra.

Já, no segundo movimento do hino, Jesus aparece como “o centro do mundo visível e invisível” “anterior a todos, primogênito e príncipe de toda criatura”, exatamente como deseja a Carta aos Colossenses, que é o texto mais importante do Cristocentrismo, isto é, daquela visão teológica que vê em Jesus “o primeiro pensado e querido” por Deus Pai, antes ainda do fato do pecado: como dizendo, que Jesus Cristo poderia ter vindo também se Adão não tivesse pecado.

O feliz anúncio

O nascimento de Jesus, “grande mistério, mistério inefável, mistério dulcíssimo” - reforçado pelo seu estilo e proceder antitético: divino-humano, eterno-tempo, potência-fraqueza, etc., nos mostra o “divino paradoxo” da encarnação - que culmina com a afirmação chave de todo o discurso: “nós temos um Deus que não quer ser temido, mas amado. Por isso, despoja-se da glória, oculta a majestade (...) liberta-se de toda aparência de grandeza para aparecer como homem”. E ainda: Ele é Rei (e eis de novo uma cascata de citações bíblicas), “mas é tão benigno, tão clemente, tão bom, que quer ser chamado nosso familiar, nosso irmão, nosso amigo.”

O coração de Jesus

O Jesus de Scalabrini, mais do que Mestre, é amigo, mais do que a luz é a bondade, mais do que o juiz é o salvador; por isso, na Pastoral, retorna com frequência, o símbolo do amor, isto é, “o coração” de Jesus. O que Jesus diz de si mesmo e aquilo que ele faz – pensa Scalabrini – está sendo demonstrado. De fato, Ele, “se compara ao pastor amoroso” que vai em busca da ovelha perdida, ou “se descreve como terno Pai” que corre ao encontro do filho pródigo (e também é entendido aqui o valor “cristológico” da parábola de Lucas, onde Jesus se defende das acusações de ir em busca dos pecadores, dizendo que ele faz aquilo que vê o Pai fazer, isto é, ter misericórdia!).

“Ele manifesta a ternura de seu coração” com palavras comovedoras: “Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso” (Mt 11,28). Não vim para perder as vidas dos homens, mas para salvá-las (cf. Lc 9,56). Eu vim para que todos tenham vida e vida feliz, vida abençoada (cf. Jo 10,10). Eu sou o médico que vai em busca dos doentes para curá-los (cf. Lc 9,6). Não trago castigos, mas trago a todos misericórdia e perdão (cf. Mt 9,15). “E às palavras, ó como bem respondem as ações!”. As suas ações são aquelas de alguém que “passa fazendo o bem a todos” (At 10,38), especialmente aos doentes, aos últimos, aos pecadores, sem olhar à própria glória ou a ser servido, mas colocando-se Ele ao serviço dos outros. A medida de sua bondade encontra somente uma comparação, na Sua abnegação.



Estas páginas que percorrem os traços salientes da vida pública do Filho do homem “cercado” pelas misérias físicas e morais (Em todos os lugares onde O vemos cercado por pobres, enfermos, publicanos, criancinhas) tem um “patós” de aproximação que se fundamenta no princípio que caracteriza a vida de Jesus de Nazaré como amor: “A caridade que lhe brota do seio, O anima, a caridade O impulsiona, a caridade tudo Lhe faz parecer leve e suave. Segue somente os impulsos do próprio coração”. A sua missão, pois, “é toda de paz, nunca de vingança”, e a Tiago e João que gostariam de ver o fogo sobre as cidades que se fecham à evangelização, o bom mestre responde: “Vocês conhecem muito pouco do meu espírito!” (Lc 12,25). E seu espírito é de levar a paz às mais vis afrontas, de responder com um sorriso às injúrias mais amargas, de abençoar quem O amaldiçoa e de escutar os males dos outros”.

Há também, como apoio desta comovedora participação de Jesus à vida dos homens, uma bela motivação teológica que faz eco com a carta aos Hebreus: “Ele vestiu a nossa humildade para sentir mais profundamente a compaixão e experimentar em si mesmo as aflições, as misérias, as penas daqueles que visceralmente ama” (e apreciemos também este advérbio que exprime bem “os impulsos do próprio coração”). Scalabrini sabe condensar num episódio da vida de Jesus esta mais pura essência da sua vida de amor: “O que mais é preciso para conhecer Jesus Cristo?”, diz depois de ter falado do choro de Jesus sobre Jerusalém.

Mas vamos escutá-lo:

“E com que afeto foi visto, este amorosíssimo Salvador, chorar e derramar lágrimas abundantes sobre sua pátria da qual previa a ruína. Quem pode repetir com igual emoção seu lamento de sublime tristeza? “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados! Quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo de suas asas... e tu não quiseste!” (Mt 23,37). Que coração não se comove com tais palavras? A antiguidade fala do seu Júpiter, com o rosto eternamente sereno, mas que nunca se enternece com sentimentos de verdadeira compaixão. Jesus Cristo é o Deus pobre e obscuro, o Deus coroado de espinhos, que bebeu até a última gota do cálice da dor” (Pastoral 1879).

Mas não é só isso

De fato, “o excesso de caridade” Jesus demonstrou não só com o “dar a vida por seus amigos” (Jo 15,13), mas sobretudo, com o “querer morrer por seus inimigos” (Rm 5,7).

Scalabrini, com uma teologia que em algum aspecto antecipa, porque vê a morte de Jesus como um ato de amor para com o Pai e para com os homens, mais do que uma expiação do pecado, afirma que “aquela hora, a hora do sacrifício” é aquilo que “pode-se dizer ou pode-se pensar de maior, de mais admirável no excesso de caridade”. Jesus se ofereceu livremente por nós, porque quis, e o quis “não por outra coisa, mas porque nos amava”.

É justo, contudo, acrescentar que a velha tese teológica de caráter jurídico, isto é, do pecado como ofensa e da redenção como ressarcimento dela com uma expiação vicária, permanece ainda ao lado daquela mais verdadeira da teologia recente, que vê a redenção como o restabelecimento de uma aliança mediante o retorno ao amor.

Mas o círculo ainda não se fechou

Neste ponto Scalabrini se pergunta: “Mas se esgotaram aqui os impulsos amorosos de seu coração?” E responde – interpretando também muito bem Jo 13,1: “Jesus tendo nos amado sempre, no final seu amor ultrapassou todo limite” – que ao extremo do amor o deu ao extremo da vida, doando-nos a Eucaristia, centro de gravitação do mundo espiritual o novo sol do mundo da graça, porque ela é uma “extensão da encarnação” no tempo e no espaço. Mediante a Eucaristia “Jesus

Cristo é tudo por nós” e é tudo em nós, e “como em nós e sobre nós se alarga e estende a filiação pela qual Cristo é Filho de Deus, assim a nós se alarga e se estende o amor do Pai”. A conclusão é que também nós somos – “Ó, essas palavras, são doces de meditá-las!” – “Rendamos graças a Deus”; isto é – também aqui a interpretação, talvez sugerida por Crisóstomo, é penetrante – Jesus não só nos libertou do pecado, mas nos tornou dignos de amor: Ele nos transformou com seu Espírito, e nos tornou amáveis e dignos de sermos desejados por Deus.

A videira e os ramos

A consequência desta teologia é que a vida cristã é um chamado à comunhão com o “Senhor”: “Toda perfeição do cristão está exatamente aqui: na união com Jesus Cristo. Aqui está o princípio de todo bem, o fundamento e a origem de toda nossa grandeza. “Eu sou a verdadeira videira, diz o Senhor e vós sois os ramos”.

“A união com Jesus Cristo é algo vital para nós”, isto é, é algo ontológico e existencial e não somente algo moral e psicológico: é uma “simbiose” como aquela do ramo e da videira.

E para exprimir esta comunhão, Scalabrini “conjuga” toda a vida cristã: com ação, oração, dor, sob o “jugo” de Cristo.

Faz ainda mais: não só devemos viver “com” Jesus, mas “Ele próprio deve ser a nossa vida e deve viver em nós”, isto é, segundo São Francisco de Sales: “O teu espírito se estende, se dilata em nós, e como uma energia vital nos domina, endireita tudo, aquece tudo, santifica tudo, e ama no coração, pensa na mente, fala na língua, age nas mãos; e as forças se consomem por ele, os estudos se fazem por sua glória, os deveres se cumprem para a sua graça, as dores se suportam por seu amor, os divertimentos, a própria nutrição, tomamos para agradecer a Ele”, etc. Se todo cristão deve aderir a Cristo como o galho adere à videira, de modo particular é solicitado ao Missionário, que age como instrumento de Cristo. Este pensamento Scalabrini desenvolve na célebre carta aos seus Missionários (1892): “O que se exige para que o galho dê fruto? Que permaneça ligado à videira. Ora, a videira é Jesus e os ramos, ó diletíssimos, são vocês: Ele mesmo disse isso.

Enquanto permaneceis Nele, vos sentireis cheios de sobre-humana energia e o fruto que trareis será fértil e duradouro. Tudo vos será fácil também diante das mais graves contradições (...).

Portanto, união, ó diletíssimos irmãos e filhos, união com Jesus Cristo antes de tudo”.

O dom inestimável da Igreja

Falando de Jesus, Scalabrini não podia deixar de falar de Sua obra-prima, que é a Igreja, “continuação perpétua da obra do Redentor e do Santificador dos homens sobre a terra”.

“Depositária e dispensadora dos Sacramentos”, canais ordinários da graça, é ela que faz fluir, à semelhança de um rio, a graça na alma do cristão.

“Originada do lado aberto de Jesus, santa e imaculada, a Igreja é – e aqui recorre ao epitalâmio por excelência, o Cântico dos Cânticos – o objeto de suas complacências, pupila dos seus olhos, palpitar do seu Coração, A Igreja é sua única pomba, a única sua perfeita esposa e irmã ao mesmo tempo”: ela é, de fato, o fruto de sua aventura humana.

O coração de Scalabrini se inflama, e como nos momentos mais intensos ele exclama: “Óh! Igreja, oh! Igreja, quanto você é querida de Jesus! Felizes somos nós por sermos teus filhos!”.

E com a Igreja, Scalabrini, acena à civilização cristã irradiada por ela, civilização que se resume numa vida moral digna do homem e de Deus (contrariamente à civilização pagã), e caracterizada pelo amor e pela unidade de todos os homens: “Jesus Cristo disse: “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34).

Cristocentrismo

No início, fizemos referência ao Cristocentrismo de Scalabrini. Vamos agora completar esse discurso. A partir do acontecimento da Páscoa, entendida como acontecimento escatológico, isto é, final e definitivo, os cristãos deduziram o papel cósmico de Jesus na criação e, portanto, a Sua preexistência. Leram todo o plano da salvação como sendo finalizado originariamente no Senhor Jesus.

De fato, se em Jesus a história da salvação chegou ao seu termo, é lógico deduzir que Ele estava presente quando esta história foi projetada e que ela não tem sentido fora Dele.

A teologia não podia não adotar esta perspectiva, e portanto, organizar o seu discurso em torno do tema da predestinação universal em Cristo e abandonar assim, a tese que prevaleceu de Santo Agostinho em diante, segundo a qual Cristo teria vindo para ajustar as coisas alteradas pelo pecado, e não teria vindo sem a hipótese do pecado; enquanto, ao invés, na outra perspectiva Cristo teria vindo, exatamente porque Jesus Cristo é o primeiro pensamento e o primeiro querido por Deus.

Com esta perspectiva cristocêntrica (e não pecadocêntrica) Jesus é a chave de retorno de todo o plano de Deus com relação a tudo aquilo que existiu, existe e existirá. E com relação ao homem, é como dizer que Cristo entra na definição da natureza do homem, de cada homem predestinado a ser “filho no Filho”, também sem o obstáculo do pecado.

Visão mais otimista da história (e Scalabrini é o homem da esperança!), enquanto todos estão envolvidos neste plano: antes, está envolvida também toda a natureza! Scalabrini intuiu isso, quando, ao referir-se à Carta aos Colossenses, viu Jesus “primogênito de toda criatura” (portanto, Adão vem explicado por Cristo e não vive-versa!).

Esta expressão pareceria tirada da “Redemptor hominis”: E Deus ama o seu Filho e o ama essencialmente (...). Mas aquele Filho seu dileto se fez homem. Então, n’Ele, ama o homem.”

E estas palavras (que terão também um desdobramento original na visão scalabriniana do fenômeno migratório, com o qual “estende Cristo à América que é já Sua) podem muito bem concluir este discurso sobre o Cristocentrismo: “Jesus Cristo é o centro comum (=universal) da criação; é o anel precioso que une a obra do Onipotente ao Criador divino; é a meta de todas as obras e dos desígnios todos da Providência (= primeiro pensado e primeiro querido); é a razão suprema, última, de todos os olhares de Deus, na humanidade redimida, de quem é a cabeça, é a norma de todos os nossos progressos, a única verdade que ilumina cada homem e, conseqüentemente, toda humanidade.”

“É Jesus Cristo o centro da história, o centro da humanidade; o centro de todos os acontecimentos que foram, que são e que serão. Ele é o Caminho, a Verdade, a Vida, e não há fora Dele quem possa salvar-nos, as nossas famílias, o civil consórcio” (Discurso da Epifania 1901).

Hino a Jesus

(Scalabrini, Pastoral da Quaresma 1878)

“Ó sim, verdadeiramente, Jesus é a Luz do mundo (Jo 8,12), é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6), é o vínculo de união, o beijo de paz entre o céu e a terra, entre homem e Deus (Ef 2,14). É Jesus o nosso Redentor, o nosso Mestre, o nosso Advogado, o nosso Modelo, o nosso Médico, o nosso Chefe, o nosso Companheiro, o nosso Irmão, o nosso Amigo, o nosso Conforto, o nosso Abrigo, a nossa Glória, o nosso Júbilo, a nossa Grandeza.

Ele é o Pontífice da nova aliança, o Sacerdote eterno, o Mediador entre Deus e os homens, a Vítima dos nossos pecados, a nossa verdadeira e única Felicidade.

Ele é a Porta pela qual devemos entrar no seu Reino, a Pedra angular e o fundamento sobre o qual o edifício espiritual deve ser assentado.

Ele é o Pão das nossas almas, o Autor e o consumidor da nossa fé, o nosso Prêmio, a nossa Coroa, a nossa Vida, o nosso Tudo.

É a Ele, é a Jesus que devemos a graça e a amizade do Pai, a confiança e a liberdade dos filhos de Deus.

É a Ele, é a Jesus que devemos todos os bens que de Deus recebemos, de natureza, de graça e de glória.

É a Ele, é a Jesus que devemos ser reconhecidos se Deus nos conserva, nos sustenta, nos defende; se não nos castiga segundo os nossos méritos; se tanto nos suporta e nos espera.

De Jesus nos vem todas as luzes, os conselhos, as aspirações, os bons pensamentos, os desejos piedosos.

De Jesus nos vem a coragem nos perigos, a força nas tentações, a capacidade de sofrer nas dores, a paciência nas adversidades, a perseverança no bem: “enriquecei-vos de tudo, em Cristo” (I Cor 1,5).

Sim, em Jesus temos tudo, com Jesus podemos tudo, com Jesus tudo esperamos, tudo obtemos de Jesus, porque foi Jesus que quis humilhar-se, por nós, sacrificar-se por nós, fazer-se tudo, para nós (I Cor 1,30).

Ó Jesus, Você é a verdadeira fonte de todo nosso bem, e o foi sempre, e o foi constantemente, e ainda o é.

Jesus, e ao proferir este nome, o coração se entenece, o espírito se comove e a alma alça o vôo da esperança.

Jesus, este nome é mais doce que um favo de mel, mais agradável ao ouvido que o som da harpa, ao coração mais suave que a alegria mais pura!

Oh! amemos, amemos Jesus, este dulcíssimo Salvador!”

*Livre tradução de Ivo Prati do folder “Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore” escrito por Padre Stelio Fongaro e confrades.

